



# ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

PROPRIEDADE DA SOC. NACIONAL DE TIPOGRAFIA

Director: Guilherme P. da Rosa  
Editor: José Benigno Peres

Redacção, administração e oficinas  
Rua, do Século, 49 — LISBOA

NÚMERO 997

6-SETEMBRO-1949

## O SUBMARINO TORNAR-SE-A' UMA ARMA INVENCIVEL?

Bem entendido, este silêncio acabou por fazer barulho, dos dois lados do Atlântico. Os especialistas dos assuntos militares lançaram-se, nos jornais, em toda a espécie de divagações sobre os submarinos. E, portanto, perguntou-se se, no que diz respeito a esta arma a frota inglesa está verdadeiramente à altura da sua missão ou se foram apenas os russos que tiraram proveito dos planos alemães e, enfim, se os resultados das últimas manobras da esquadra americana teriam sido ainda mais desastrosos do que se previa. Lord Frazer manteve-se mudo.

A um jornalista que lhe pôs a pergunta indiscreta, limitou-se a responder, sem mais comentários: «Que ideia!...».

Não foi preciso mais nada para que os comentários se multiplicassem. E, analisou-se uma fase sibilina pronunciada pelo secretário do Ar americano, Stuart Symington, que dizia: «Outras grandes potências possuem já numerosas frotas submarinas com o dispositivo «Schnorkel».

### Uma pequena palavra de pesadas consequências

A invenção do «Schnorkel» e a sua aplicação aos submarinos revolucionou a técnica da guerra naval. A primeira coisa que o cadete aprende quando entra para a Escola Naval, é que o submarino só tem uma vantagem, mas uma vantagem considerável sobre os outros barcos de guerra: é a possibilidade de desaparecer da superfície da água, tornando-se invisível.

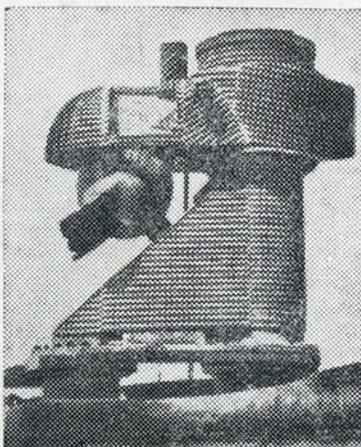
No entanto, o mergulho nunca foi suficiente para garantir a segurança dos submarinos. De facto, apareceram o radar assim como todos os outros meios aperfeiçoados de localizar estas unidades, sem contar com os aviões torpedeiros, que tornam a vida difícil aos submarinos. A necessidade que tinha de voltar à superfície ao fim de certo tempo, para renovar a sua provisão de ar

**O** *S* homer : nunca se detêm no caminho das suas investigações guerreiras. Mais do que nunca, os estados-maiores en orajam os sábios na descoberta de novas armas, cada vez mais mortíferas. Criam, assim, uma atmosfera de tensão internacional de que os construtores de armamentos tiram o máximo proveito.

Por exemplo, torna a falar-se, agora, dos submarinos, nos quais os estrategas do futuro vêem uma arma «excelente».

Sir Bruce Frazer, primeiro-lord do Almirantado, informou a Imprensa recentemente, das últimas inovações introduzidas na Royal Navy. Apresentou todos os barcos mais modernos, desde o porta-aviões à vedeta torpedeira. Mas houve um ponto sobre o qual guardou prudente silêncio: o dos submarinos.

e para carregar as baterias eléctricas, constituía o maior inconveniente. A sua velocidade reduzida, por outro lado, não lhe permitia suportar a perseguição das outras armas. De maneira que, chegou a perguntar-se se o submarino não se teria tornado apenas curiosidade do museu de guerra.



É assim que se apresenta o «Schnorkel», dispositivo que permite ao submarino estar trinta dias debaixo de água

No entanto, no fim da última guerra, uma pequena palavra misteriosa rebentou como uma bomba. Os serviços de espionagem aliados descobriram que o Almirantado alemão acabava de ter à sua disposição um aparelho novo, misterioso, de que não se sabia grande coisa, a não ser que os alemães esperavam, com o seu auxílio, uma reviravolta na guerra naval, em seu benefício. Dera-se a esse dispositivo o nome de «Schnorkel». Só a derrota total do Reich preservou os aliados — veio a saber-se mais tarde — de pesadas perdas marítimas.

### Um monopólio russo?

No fim da guerra, os russos conseguiram apoderar-se dos prototipos dos submarinos alemães munidos desse dispositivo engenhoso. Também deitaram a mão aos respectivos planos e aos especialistas que os tinham elaborado. Ressalta de declarações recentemente feitas por oficiais da Marinha russa que fugiram para o Ocidente, que os soviets dispu-

● Continua na pág. 6 ●

# RENDAS DE BRUXELAS

**D**ATA do século XV a fama que as rendas belgas alcançaram no Mundo. De lencinho com o «souvenir de Bruxelles», recuámos no tempo e fomos até as margens dos canais românticos da «Morta» ouvir os cisnes contar a primeira lenda, embalando-se nas águas silenciosas. A fiandeira flamenga que vivia à beira do canal tomou como modelo o trabalho maravilhoso de «fios da Virgem» traçado sobre o seu quadro negro por uma pequena aranha diligente. O namorado, um jovem artista escultor, ofereceu-lhe dois pequenos fusos de madeira para impedir que se embarcassem os seus fios demasiado finos. E no quadro de Memling, anterior a 1498, lá está uma personagem em cujo manto cinzento a geometria irreal da renda põe contrastes de espuma nas cristas das ondas.

E, das tábuas de Memling, passando pelo Museu Gruuthuse, de Bruges, até o lencinho trazido de uma loja pequenina do «boulevard» Adolph Max, vivem cinco séculos de uma arte (propositadamente não lhe chamamos indústria) que por si só bastaria para que a Bélgica ocupasse um lugar de relevo no Mundo civilizado.

Uma colónia de operárias flamengas foi introduzida no Saxe em 1560 e desde o século XVI que as rendas belgas passaram a ser importadas por toda a Europa. Em 1546, Henrique VIII ofereceu a «sua bem amada esposa» lenços rendados «por operárias da Flandres». As perseguições religiosas levaram a Inglaterra muitos refugiados flamengos que foram os primeiros a confeccionar as famosas rendas inglesas com fusos de Honiton e Northampton. Mas, porque a indústria da renda era essencialmente caseira, nem as guerras civis, nem as perseguições religiosas e políticas a obrigaram a procurar refúgio no estrangeiro, como aconteceu a tantas outras. E foram as suas exportações que salvaram a Flandres da ruína.

Foi em 1665 que nasceu a mais fina e mais preciosa das rendas belgas — a de Malines, de que ainda muito recentemente vimos alguns maravilhosos exemplares dos nossos dias que o Commissariado Nacional de Turismo Belga trouxe a Lisboa, para uma exposição no S. N. I. A rede da renda de Malines era, primitivamente, composta de malhas hexagonais muito finas e muito leves, tecidas com fusos. Ainda é conhecida nos nossos dias sob o nome de «ysgrond» (fundo de espelho).

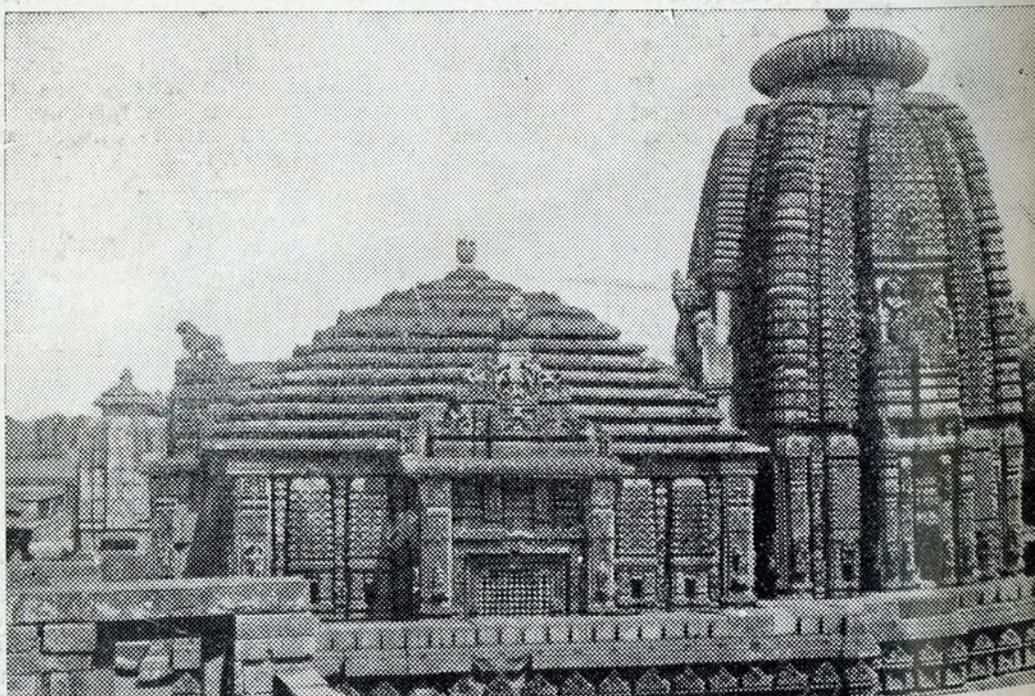
No século XVIII, apesar dos elevados direitos de importação, as rendas flamengas dominavam o mercado estrangeiro. Recorreu-se às fraudes mais extravagantes para introduzir clandestinamente, tanto na Inglaterra como na França, os produtos das requintadas rendilheiras belgas. Em 1738, uma encomenda de «ponto de Inglaterra», executado na Flandres para o leito da Rainha de França, custou 30.000 libras. Em 1743-44, o vestido magnífico que os Estados da Flandres ofereceram a Maria Teresa importou em 25.000 florins, e um fragmento que se conserva no Museu de Viena demonstra a superioridade crescente da qualidade da renda da Flandres, devida sobretudo à imponderabilidade do fio empregado pelas rendilheiras flamengas.

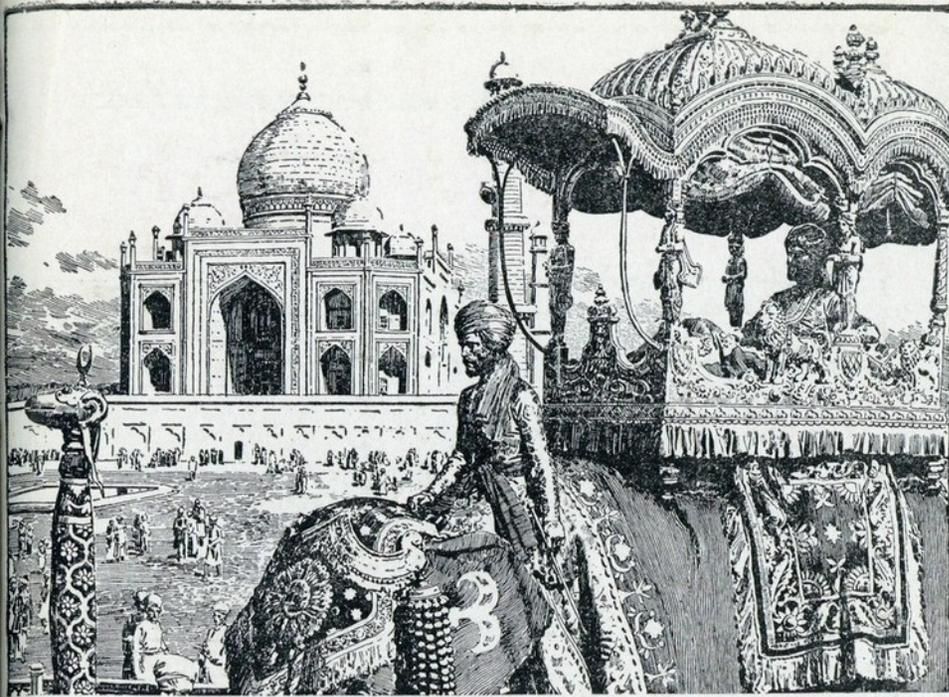
Também a última guerra, com todos os horrores da ocupação, não conseguiu destruir a tradição preciosa da indústria das rendas, talvez porque ela conserva, na teia das suas malhas alvissimas, a espiritualidade da rapariguinha de Bruges, que à beira do canal tomou como modelo o trabalho maravilhoso de «fios da Virgem» traçado sobre o seu quadro negro por uma pequena aranha diligente.

**REDONDO JÚNIOR**

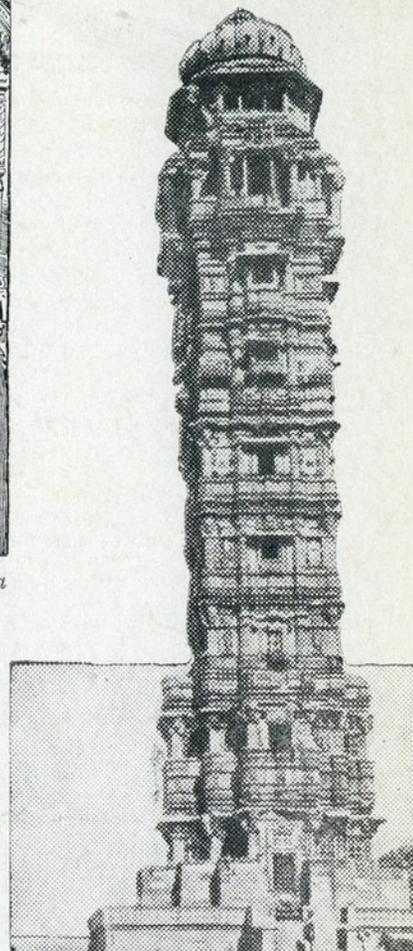
**ESTE NUMERO FOI VISADO  
PELA COMISSÃO DE CENSURA**

\*  
O templo de Muktesvara, em Bhuvaneshvara, num estilo apoiado de «gótico horizontal»  
\*





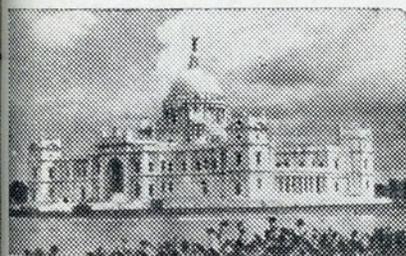
O palácio do «Taj-Mahal», cartaz da Índia para todo o Mundo, numa composição do artista inglês Matéria



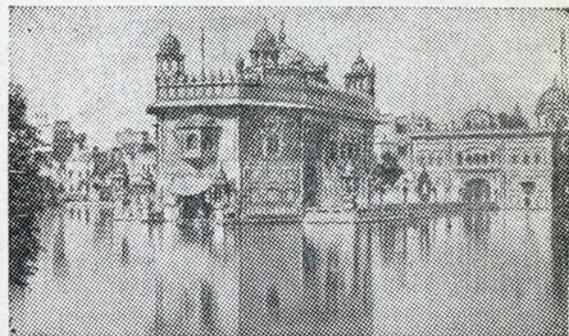
Uma torre monumental, de arquitectura milenária

# PALÁCIOS

◆  
D  
A  
◆  
I  
N  
D  
I  
A



Monumento à Vitória, em Calcutá, expressivo exemplar da moderna arquitectura indiana



O Templo Dourado, de Amritser, capital religiosa dos «sicks». EM BAIXO: Um velho palácio de Morvi, fino exemplar da arquitectura hindú



Indiana de casta nobre envergando seu traje festivo

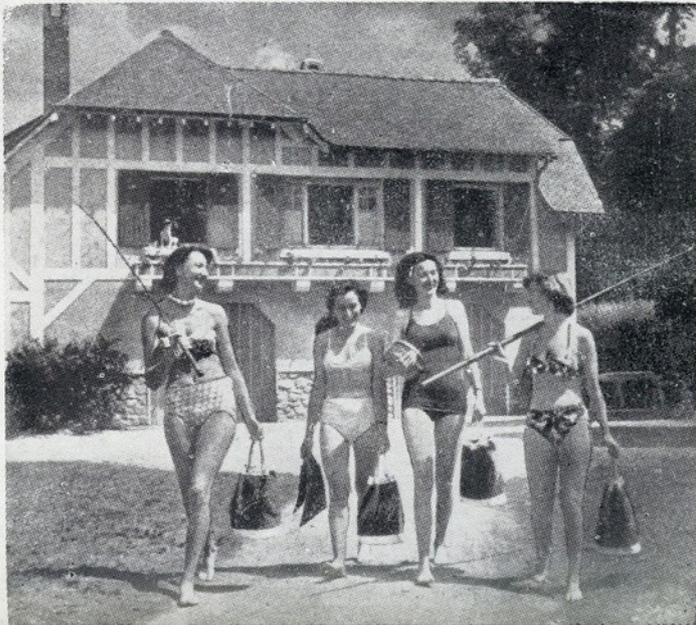


# QUE TAL A PESCA?...

**E**STAS lindas e gentis raparigas vão à pesca e bem apetrechadas. Levam canas, linhas, anzoes, iscas, farneis e, possivelmente, muito sono, para se entreterem a dormir enquanto estiverem à espera, que algum peixe gentil e amável abra a boca para se deixar arrebatado pelo anzol de tão encantadoras pescadoras.

Nós, que somos pessimistas, não auguramos grande pesca. Não que duvidemos da capacidade profissional das pequenas. Mas, sim porque achamos que elas levam apetrechos a mais... Para quê tanta coisa? Se éle há peixes que se deixam apanhar, de boa mente, sem qualquer chamariz! E até mesmo sem as pescadoras os quererem atrás de si, «êles» não largam a linha, embora, às vezes, contessemo-lo também, para honra do sexo de que fazemos parte, essa perseverança seja muito justamente recompensada...

Bem, para terminar: Que pensarão os peixes de tão gentis pescadoras? Francamente: gostaríamos de o saber. Temos cá a impressão de que devem pensar, pelo menos, coisas muito bonitas...



## AS PESCADORAS

de quem os  
PEIXES  
PENSAM  
COISAS  
BONITAS...



Esta beldade chama-se Andre/ Lewis e ganhou, em Miami, um título de campeã de pesca, por ter apanhado este peixinho que, a respeito dela, não pensaria certamente coisas muito boas...

# O SUBMARINO

● Continuado da 1.<sup>a</sup> pág. ●

nham já, no Verão de 1948, cinco organizações capazes de fabricar, simultaneamente, 250 submarinos por ano. Oitenta por cento dessa construção estava equipada com o dispositivo «Schnorkel» e, ainda, de outro aparelho inventado por um engenheiro russo de nome Gasarov, o qual permite triplicar o tempo de imersão e o raio de acção.

Em Washington recolheram-se, igualmente, informações feitas perante a comissão de construções navais do Conselho Supremo dos Sovietes, pelo almirante Kutzetzkov. Segundo as suas declarações, sete novas escolas especiais de «podwoniki», isto é, oficiais aspirantes para a frota submarina teriam sido criadas nos últimos tempos. Sob a direcção de 150 engenheiros russos e de 50 engenheiros alemães — entre os quais figuram os mais importantes especialistas da antiga marinha de guerra alemã — está a ser cumprido um programa de construções navais que prevê a construção, no fim de 1951, duma frota de 1.200 submarinos, 750 dos quais do tipo chamado «Oceanico», isto é, com um raio de acção de 20.000 quilómetros, permitindo uma viagem da Noruega à América e volta.

Bem entendido, estas notícias provocaram algum nervosismo nos meios navais americanos.

## Trinta dias debaixo de água

Reduzido à sua mais simples expressão, o «Schnorkel» ou «Snort», como lhe chamam os ingleses, não é outra coisa senão um meio de fornecer novo ar aos submarinos mesmo debaixo de água. Esse canal de ar, de um diâmetro de trinta a quarenta centímetros, não permite sómente a utilização de motores Diesel em imersão, mas ainda prolongar o mergulho até trinta dias, isto é, até o completo esgotamento das provisões de boca e de combustível. Esse dispositivo permite, igualmente, a expulsão do ar viciado e dos gases dos motores. Enfim, a extremidade do tubo fecha-se automaticamente cada vez que uma vaga a cobre.

As vantagens do «Schnorkel» saltam aos olhos. A velocidade de cruzeiro pode ser duplicada. Por outro lado, nas zonas perigosas, o submarino não é obrigado a voltar à superfície para renovar o ar. Quanto ao radar, que serve para localizar os submarinos mesmo durante a sua imersão, e que não actua senão no ar, torna-se impotente se se re-

cobrir a extremidade do periscópio e do «Schnorkel» de uma substância anti-radar.

Por outro lado, de um avião, o submarino só é visível quando o mar está calmo e o observador se encontra precisamente na vertical do objectivo.

## A réplica

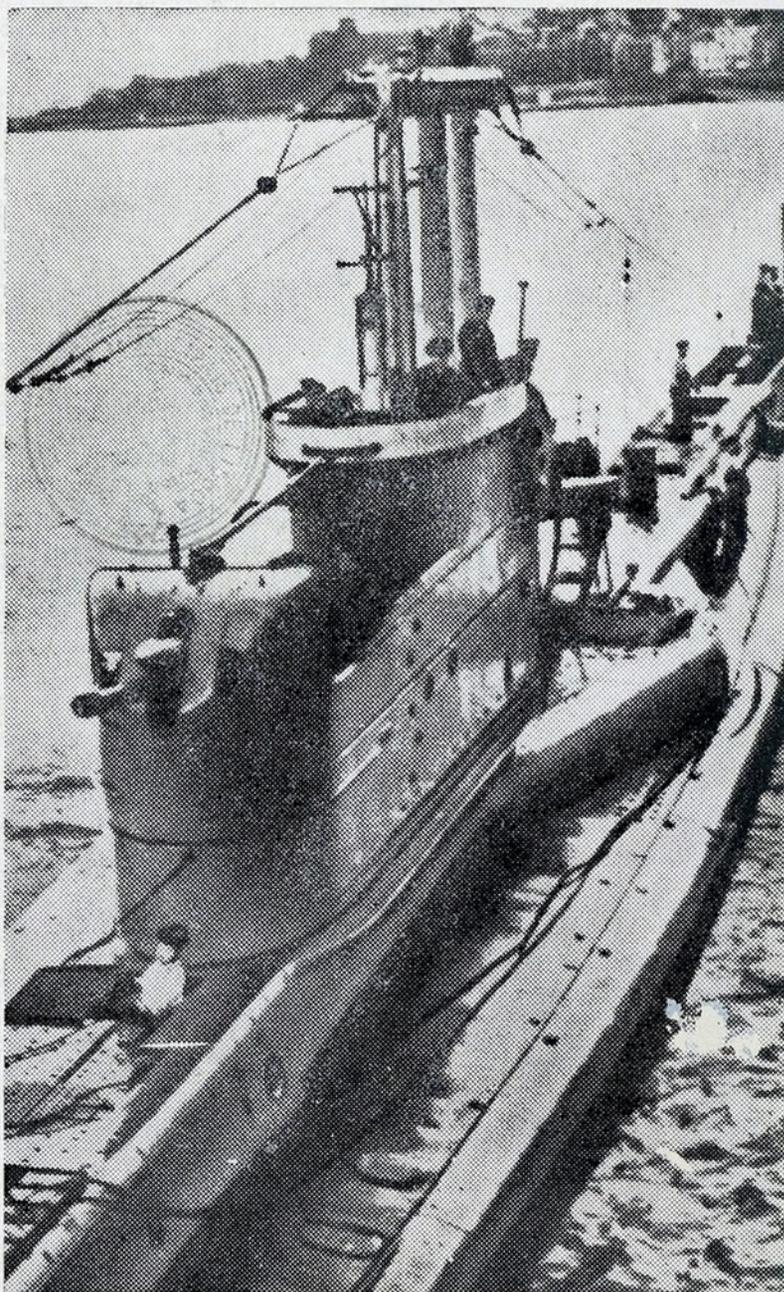
Naturalmente, as marinhas britânica e americana desenvolveram os seus esforços para encontrar uma arma anti-submarina. E, já está concluído um novo aparelho que permite especialmente equipados, em assinalar o ruído e a vibração dos motores dos navios — mesmo submarinos — a grande distância. Construíram-se, assim, torpedeiros gigantes de 7.000 toneladas, dando grandes velocidades. Estão a ser

Kiel, para a luta anti-submarina. Dispõem, a bordo, de helicópteros e baterias de tiro rápido, lançando torpedos submarinos magnéticos.

Mas a América não se contentou com estes meios de defesa. Pensa, claro, que a melhor maneira de defesa é o ataque. E, portanto, concebeu submarinos do tipo «Schnorkel», última palavra, os quais poderão entrar na luta à primeira voz.

E, ainda se vai mais longe: prevê-se o transporte de tropas em submarinos nada menos de cem homens completamente equipados em cada submarino, dispondo de canoas de desembarque. Os americanos estudam, finalmente, a construção de cargueiros e tanks submarinos. Como se vê, os americanos ainda não disseram a última palavra.

(De «Pour Tous», Lausana)



Um submarino britânico parte para o Antártico, onde vai proceder a investigações e experiências. Está dotado dos mais modernos aperfeiçoamentos técnicos

*finalmente  
à venda*

# O LIVRO DE Pantagrueu

O mais completo em re-  
ceitas de cozinha, doçaria  
& licores

Escrito com especial perí-  
cia, para tudo se com-  
preender e executar com  
perfeição

O livro d'oiro  
das donas de  
casa



Um volume com 880 pági-  
nas ilustrado e encaderna-  
do, 85\$00

A venda em todas as livrarias  
Pedidos à EDITORIAL — SÉCULO  
Rua do Seculo, 63 — LISBOA

PASTELARIA

**BENARD**

Rua Garret, 104 e 106

Telefone 25171

L I S B O A

*Silva*<sup>s.</sup> ///

FORNECIMENTO ESMERADO  
DE ALMOÇOS, CHÁS,  
JANTARES E BANQUETES

«LUNCHS» PARA CASAMENTOS  
EM LISBOA E PROVÍNCIA